

MAKERS NO COMPLEXO DO ALEMÃO: A TECNOLOGIA DA SOBREVIVÊNCIA

Natã Neves do Nascimento¹

RESUMO: A favela é um território criativo e, apesar dos estigmas que traz consigo em relação a violência e escassez, busco refletir através desse artigo que esse território periférico é extremamente potente quando se fala na arte de sobreviver. Trabalhando com o conceito de “tática” trazido por Michel de Certeau, estabelecendo relações entre as gambiarras desenvolvidas por fazedores do Complexo do Alemão. A favela é rica quando se trata de profissionais que desenvolvem táticas de sobrevivência. Pretendo questionar os múltiplos conceitos da palavra gambiarra e mostrar como ela se apresenta na vida de cada um que a produz. Para composição deste trabalho serão analisados alguns conceitos de gambiarra, criação e estigma.

PALAVRAS-CHAVE: favela, cultura *maker*, juventude, identidade.

MAKERS IN THE COMPLEXO DO ALEMÃO: THE TECHNOLOGY OF SURVIVAL

ABSTRACT: The favela is a creative territory and, despite the stigmas it brings with it in relation to violence and scarcity, I try to reflect through this article that this peripheral territory is extremely potent when it comes to the art of survival. Working with the concept of “tactics” brought by Michel de Certeau, establishing relationships between gambiarras developed by makers of Complexo do Alemão. The favela is rich when it comes to professionals who develop survival tactics. I intend to question the multiple concepts of the word gambiarra and show how it presents itself in the life of each one that produces it. To compose this work, some concepts of gambiarra, creation and stigma will be analyzed.

KEYWORDS: favela, maker culture, youth, identity.

¹ Mestre em Cultura e Territorialidade pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense – UFF e possui Graduação em Produção Cultural pela mesma Universidade.

INTRODUÇÃO

As performances fazem parte de nosso cotidiano. Os modos de falar, as roupas que escolhemos, e até mesmo a nossa necessidade de adaptações diante de situações que nos são expostas. A partir desse pensamento podemos relacionar performances do cotidiano e até mesmo de situações inesperadas como oportunidades para fazer gambiarras, para isso é preciso compreender que mais que remendos de fios, ligações clandestinas ou qualquer outro conceito que você possa ter dessa palavra, ela também se apresenta como tática de sobrevivência.

Será apresentado como essas táticas de sobrevivência têm sido criadas por moradores dentro do Complexo do Alemão. Ele é composto por um conjunto de treze favelas, distribuído por bairros da zona norte do estado do Rio de Janeiro. O denominado Complexo do Alemão reúne junto a Serra da Misericórdia as principais favelas do Morro do Alemão: Grota ou Joaquim de Queiroz, Nova Brasília, Reservatório de Ramos, Parque Alvorada, Fazendinha, Morro das Palmeiras, Casinhas, Canitar, Cruzeiro, Pedra do Sapo, Mineiros, Matinha, Morro do Adeus e Morro da Baiana. Seu território se expande para além do bairro original e se conecta junto aos bairros de Penha, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Higienópolis e Inhaúma. Através de uma proposta de ressignificação do conceito de *gambiarras*, um coletivo local propunha uma nova maneira de enxergar as potencialidades criativas desse território.

Michel de Certeau (2014) em seu livro "A invenção do cotidiano", apresenta as táticas, como ações de desvios, que geram efeitos imprevisíveis tendo como seus resultados diferentes maneiras de fazer. Ao compreender, "*Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em 'ocasiões'*" (p.47). o fato de estar no jogo te leva a tomar medidas que solucionem os imprevistos do cotidiano.

A cultura pode ser entendida como um elemento diferenciador, ocupando relevante papel no que tange a explicitação das diferenças entre as sociedades, sobretudo no que se refere aos modos de pensar, sentir e agir das mesmas. Nesse caso, performatizar gambiarras acontece como algo intuitivo, e esse sujeito que pratica,

exerce um papel fundamental pois através da performance e da ressignificação dessa palavra, amplia-se um olhar por parte da sociedade, muitas vezes distante da favela, para mostrar essa arte, sua cultura e suas gambiarras.

RESSIGNIFICANDO A GAMBIARRA

A palavra gambiarra pode possuir diversos significados, dentre estes muitas vezes é relacionada a formas de improvisação, emendas, reparos, aquilo que de certa forma se deseja solucionar imediatamente, porém que nem sempre é feito com os recursos necessários para aquele reparo. Esse tipo de improviso também pode ser analisado de forma negativa pela falta de qualidade no que se apresenta, por não ter uma preocupação com estética, entre outros. Considerando as adversidades às quais estamos expostos, esse tipo de prática se torna mais uma expressão de sobrevivência dentro da favela.

O pesquisador Rodrigo Bouffleur fala sobre a origem etimológica da palavra gambiarra, através de análises em diferentes tipos de dicionário o pesquisador encontra referências que nos remetem ao conceito utilizado por nós brasileiros.

A origem etimológica de gambiarra é descrita como duvidosa ou mesmo obscura, mas acredita-se que se relacione à palavra gâmbia, uma derivação do latim *camba* ou *gamba* (perna). Neste sentido, outro termo relacionado à mesma raiz é *gambeta* - procedimento manhoso, astucioso, pouco decente. Aparentemente, é próximo a este sentido que o termo gambiarra tem sido usado com mais frequência no Brasil. (BOUFLEUR, 2006, p.34)

Apesar desse sentido que se aproxima muito ao que utilizamos hoje, tem outras palavras que podem ser utilizadas de forma informal como o exemplo do "gato" que seria uma extensão elétrica feita de forma ilegal. Por trás dessa gambiarra, existe um "Gambiólogo"², esse profissional que é muito solicitado e conhecido dentro das favelas é aquele responsável por colocar a luz nos postes, água nas casas e pelos pequenos reparos.

Esse profissional, nem sempre é um profissional que se qualificou de uma maneira mais tradicional, através de cursos ou outros tipos de formação, ele aprende o ofício com seus pais, vizinhos

² Essa nomeação de "Gambiólogo", foi categorizado pelo coletivo GatoMídia no Complexo do Alemão como o profissional que exerce os reparos dentro da favela, sendo muitas vezes profissionais que não possuem um conhecimento técnico, mas um conhecimento prático desse tipo de serviço.

e através desse aprendizado segue exercendo a função. A pesquisadora Maria Cristina Soares Gouvea durante uma pesquisa em uma favela de Minas Gerais pôde observar como os pais lidam com a criação dos filhos dentro de um território periférico e isso se reflete no que esse indivíduo pode se tornar enquanto profissional.

Se a formação moral para o trabalho (no caso do menino) e as relações sexuais estáveis (no caso de menina) constituem a preocupação maior, não há por parte das mães e das crianças uma preocupação com a preparação propriamente profissional. Ao contrário, o campo de possibilidade que a mãe vislumbra para as crianças se limita a ocupações como pedreiro, faxineiro, lixeiro, vigia de prédio, doméstica, colocações que não exige maior especialização. (GOUVEA, 1993, p.51)

Gouvea nos mostra que para além de uma preocupação com a formação acadêmica ou profissional, as mães se preocupam mais com o tipo de cidadão que seus filhos vão se tornar, pois há uma preocupação com que tipo de caminho seu filho ou sua filha irá seguir.

Além disso, podemos relacionar a gambiarra a cultura *maker*, que é um conceito que surgiu nos Estados Unidos há alguns anos e vem ganhando força e espaço ultimamente. Essa cultura se aproxima muito do “Faça você mesmo” e entendendo o real significado de fazer podemos relacionar essa cultura às práticas exercidas dentro das favelas. Para Fábio Silveira, é necessário mudar a maneira de pensar o movimento *maker*.

O movimento maker é uma extensão tecnológica da cultura do “Faça você mesmo”, que estimula as pessoas comuns a construir, modificarem, consertarem e fabricarem os próprios objetos, com as próprias mãos. Isso gera uma mudança na forma de pensar [...] Práticas de impressão 3D e 4D, cortadoras a laser, robótica, arduino, entre outras, incentivam uma abordagem criativa, interativa e proativa de aprendizagem em jovens e crianças, gerando um modelo mental de resolução de problemas do cotidiano. É o famoso “pôr a mão na massa” (SILVEIRA, 2016, p. 131).

A partir desse entendimento e da ressignificação desse sentido, cada indivíduo que já fez algum tipo de gambiarra poderia ser um *maker*, e apesar deste conceito estar mais relacionado a produções

digitais e máquinas 3D, é possível ampliar para a realidade na favela e não a limitando a uma única visão apresentada pela sociedade, já que mantém uma prática de que pessoas comuns, podem consertar, modificar e fabricar diversos tipos de objetos e projetos com as próprias mãos.

A cultura do “Faça você mesmo” está muito associada ao reaproveitamento ou o conserto de objetos, ao invés da substituição desses mesmos objetos por novos. Pensando nisso podemos refletir nas vezes que precisamos ser *makers*, quando o chinelo arrebentou na rua e foi preciso pôr um prego para poder usá-lo, quando colocamos esponjas de aço na antena da televisão para melhorar o sinal. Percebe-se que o surgimento de um *maker* muitas vezes se dá a partir de uma gambiarra, de uma solução imediata e muitas vezes improvisada, que é feita de forma criativa para resolver aquela situação naquele instante.

Por meio da cultura *maker* podemos ampliar nossa visão sobre criatividade pois ela fala de construção, reparação e modificação de coisas em geral que pode envolver qualquer tipo de profissional, já que se trata de um movimento bem mais abrangente do que normalmente pensamos. Nossa cultura da gambiarra e da criatividade mantém a linha de pensamento para a solução de problemas do dia-a-dia, e para superarmos o desafio que nos cerca a cada momento, sendo esse o despertar para o surgimento do fazedor que há dentro de nós.

Apesar de estar ligado à eletrônica e à computação, esse movimento se torna muito maior e mais diverso. E é essa diversidade que nos torna um *maker*. Através da necessidade, gerar uma solução para um problema em casa ou tentar consertar algum objeto quebrado. Através disso se amplia a identificação em ser um *maker*, fazedor, ou “Gambiólogo”: essa resignificação amplia o olhar de quem está produzindo dentro da favela e o valoriza como uma potência local.

Através da resignificação desse conceito para além da tecnologia, iniciaria uma valorização de cada fazedor, pois pensam em soluções alternativas às suas necessidades. Essa cultura das gambiarras não se limita a um perfil ou uma classe social, qualquer pessoa pode desenvolver as habilidades necessárias para se tornar um fazedor, isto se dá durante o processo algo fundamental dessa cultura: é a

oportunidade de compartilhar seus projetos e seus conhecimentos para que outros possam aprender e se inspirar através deles.

Ninguém nasce assim detendo um conhecimento específico, pois são nossas experiências ao longo da vida, dentre escola, amigos, família e trabalho, que nos dão as condições para explorar ideias. De desenvolver a curiosidade e o conhecimento, além de colocá-las em prática. A forma como experimentamos o mundo, como nos relacionamos com os outros e com os objetos que nos cercam é que criam, ao longo do tempo, as condições para desenvolvermos uma mentalidade de fazedor.

CRIAR PARA SUBVERTER

Falar sobre favela e territórios periféricos, carregam muitas vezes estigmas de violência ou de escassez de recursos devido ao pré-conceito de que aquele lugar tem uma série de precariedades materiais e de direitos. É preciso romper com tais estereótipos e potencializar todo tipo de produção cultural desenvolvida dentro desse território, esse tipo de criação é rico e reflete muito de como cada indivíduo precisa se virar com seus “corres” expressão muito utilizada para falar sobre trabalhos, bicos para ganhar dinheiro e sobreviver. Dessa forma a criatividade desses fazedores tem sido enxergada como uma promessa de ascensão social através do consumo e de atividades empreendedoras nesse âmbito cultural.

É preciso compreender que essa forma de se reinventar é uma característica das favelas há anos, esse fazer popular se destaca mediante a ausência do Estado, e em meio a escassez se torna potência. Patrícia Couto e Rute Rodrigues nos apresentam uma leitura feita pelos moradores da cidade sobre o Complexo do Alemão que acredito ser uma leitura, que também se faz de outras favelas do Estado, *“No imaginário social, o Complexo do Alemão costuma ser vinculado à criminalidade, à pobreza, à falta e a negação”* (Couto; Rodrigues, 2015, p. 2).

Quando surge um problema social e quando esse indivíduo resolve não apenas o problema, mas também causa um impacto social sobre aquela situação, isso é inovação. Mas, quando um *Maker* tem origem na favela, transforma esta ação inovadora como algo

pejorativo, uma gambiarra, resultado de uma percepção baseada no preconceito.

Certeau afirma que *"a tática é a arte do fraco"* (2014, p. 95) e nessa relação de forças o *Maker* de favela teria uma urgência para alcançar uma solução para suas demandas. Através de táticas, novas alternativas surgem ao mesmo tempo em que há uma ressignificação de objetos, nas quais os mesmos ganham novas utilidades.

As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um 'golpe', aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc. (CERTEAU, 2014, p. 96).

Os moradores das favelas e periferias encontram na criatividade uma maneira de sobreviver e trazer sustento para dentro de suas casas, essas estratégias podem ser vistas através de diferentes estéticas dentro da favela. E apesar de morar em um dos acessos ao Complexo do Alemão, foi durante uma pesquisa de campo³ no ano de 2016 que pude ampliar minha visão sobre a cultura *maker* dentro das favelas, de forma mais específica no Complexo do Alemão.

No ano de 2016 acompanhei uma residência oferecida pelo coletivo GatoMídia, o coletivo que existe desde 2013 tem como objetivo potencializar as ferramentas que os jovens de periferia utilizam para que eles tenham retorno e visibilidade em seus projetos. Durante o campo pude conhecer pessoas que precisaram encontrar alternativas para continuar trazendo o sustento para a sua casa, é preciso ampliar o olhar sobre a favela enquanto potencialidade criativa, e a grande maioria dos lugares que se discute inovação, criação e criatividade são em sua maioria lugares de classe média, e nesse lugar a inovação que é produzida pelo pobre não é reconhecida. Essa metodologia da gambiarra fez com que as pessoas repensassem a forma de ganhar dinheiro e até mesmo de viver.

Para Certeau, as artes do fazer são equivalentes a atos linguísticos e assim como esses atos eles não estariam presos a

³ Baseado na monografia realizada na graduação em Produção Cultural. Ver: NASCIMENTO, Natã Neves do. Complexo é ter identidade - juventude em formação no Alemão. A experiência Favelado 2.0 do Coletivo Gatomídia. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) - Universidade Federal Fluminense.

estruturas. Além disso podemos ver como é importante a ressignificação desses conceitos para a realidade vivida na favela.

Em grau menor, o mesmo processo se encontra no uso que os meios “populares” fazem das culturas difundidas pelas “elites” produtoras de linguagem. Os conhecimentos e as simbólicas impostos são o objeto de manipulações pelos praticantes que não são seus fabricantes. (CERTEAU, 2014, p. 89).

É importante refletir como essa prática se insere na vida do pobre, do periférico, porque ele precisa criar soluções criativas para resolver os problemas de escassez ou pela ausência do Estado. Essa criatividade se torna diferenciada pois ela surge através da resiliência, ela nasce durante um momento de necessidade prática. Foi nesta mesma época que pude conhecer alguns profissionais que precisaram fazer as suas gambiarras para sobreviver.

INOVAR É COMPLEXO

Nesse período de campo, caminhando pelo Alemão pude ter encontros com alguns profissionais que precisaram encontrar novas formas para continuar com seus trabalhos mesmo diante de algumas dificuldades. Nas mais diferentes estéticas que passam por barbearia improvisada na calçada, de um lava jato que não funciona em dias de chuva, pois o céu se encarrega de lavar os carros, ou se reinventar como uma manicure que atende suas clientes em um pequeno trailer, pretendo apresentar alguns profissionais que necessitaram criar soluções para continuarem exercendo suas profissões.

Diego foi um dos profissionais que conheci, ele era barbeiro e exercia o ofício em um salão dentro do Alemão, mas depois de não conseguir pagar o aluguel, resolveu fazer da rua a sua barbearia, nela há diversas gambiarras. O espelho é improvisado de um armário que ele desfez, as caixas que ficam os materiais de corte são caixas de feira e os fios que vem de uma ligação direta do poste para que ele possa ligar sua máquina de corte.

O barbeiro fala sobre a liberdade que ele sente ao trabalhar na rua, do contato com os clientes e o fato de ter descido para a rua e ter saído de dentro da favela ampliou a sua clientela para além dos seus

clientes locais. Para ele a vantagem financeira era muito melhor, pois ele não precisaria dividir sua clientela com outros barbeiros e o valor do serviço é tido como um lucro integral.

Esse tipo de ressignificação que é feita por esses fazedores, poderia ser identificada não apenas como gambiarras, mas como *"táticas desviacionistas, pois não obedecem a lei do lugar"* (CERTEAU, 2014, p.87) e aplicam novas funções a esses objetos que como o exemplo do espelho que poderia ser descartado junto ao armário velho, lhe é dado uma nova função.

Outra profissional que pude conhecer foi Márcia, uma manicure que atendia as suas clientes dentro de um trailer improvisado, porém o mesmo tinha ar-condicionado e esse seria o diferencial do atendimento de Márcia. A manicure compartilhou como as clientes enxergavam aquele trailer como um empreendimento inovador, que nunca tinham visto um daqueles, ela conta que antes trabalhava em uma fábrica bem próxima a entrada da Nova Brasília, que é uma das favelas que compõem o Complexo do Alemão, e a mesma foi abandonada. Na época houve uma ocupação e Márcia começou a fazer a sua clientela ali, passados alguns anos houve uma reintegração de posse do imóvel, e então todos que viviam e trabalhavam ali foram retirados.

Márcia ficou sem local para trabalhar, porém suas clientes continuavam querendo seus serviços de manicure, sem dinheiro para pagar um aluguel ela, junto com seu marido, idealizaram esse trailer que é móvel, ao final do expediente eles encaixam o trailer no carro e conseguem se deslocar para a sua residência.

Podemos trazer outros exemplos como as *lan houses*⁴ que foram criadas na favela para facilitar o acesso à internet aos moradores, esse tipo de acesso que não era presente naquele território, agora é compartilhado e acessível. Para poder superar uma realidade muitas vezes difícil, de constante ausência, se constrói uma cultura local de sobrevivência, temos como exemplos o "mototáxi" e as kombis que facilitam o acesso e locomoção dos moradores por dentro das favelas.

⁴ Lan house é um estabelecimento comercial semelhante a um cyber café na qual os usuários pagam para utilizar um computador com acesso à Internet e entretenimento através dos jogos em rede ou online.

Apesar da escassez de recursos presente nas favelas, a utilização da reciclagem dos objetos e sua ressignificação tem feito com que a ideia de que a necessidade é o que gera o fazedor se afirme constantemente. Portanto, o desenvolvimento de suas práticas sociais e as experiências sociais cotidianas são influenciadas pelos condicionantes socioeconômicos, políticos e culturais que entrelaçam toda dinâmica da vida social.

Durante sua experiência de pesquisa no Complexo do Alemão, Adriana Facina (2016) pôde ver o quanto as condições muitas vezes adversas geram fazedores. A criação se insere dentro de um contexto de cultura de sobrevivência. Isso pode se destacar através da fala de um MC morador do Alemão: “Não existiria o Complexo do Alemão se não fosse a cultura. E a cultura não só a cultura artística do grafite, do rap, do pagode, do samba. Não, eu acho que é uma cultura da sobrevivência (FACINA, 2016)”. A fala do MC se destaca pois é para sobreviver que surgem as ideias. Essa cultura que existe na favela se relaciona diretamente com a solidariedade de se compartilhar as soluções.

Ao falar desses profissionais que precisaram se reinventar e criar soluções e estratégias de sobrevivência podemos relacioná-los ao “homem lento” de Milton Santos que ilustra bem esse cidadão que é pobre, que vive nas periferias das grandes metrópoles e resiste às forças externas e extremamente verticais.

“Durante séculos, acreditávamos que os homens mais velozes detinham a inteligência do Mundo. [...] Agora, estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos. Na grande cidade, hoje, o que se dá é tudo ao contrário. A força é dos “lentos” e não dos que detém a velocidade elogiada por um Virilio [...]. Quem, na cidade, tem mobilidade – e pode percorrê-la e esquadrinhá-la – acaba por ver pouco, da cidade e do mundo.” (SANTOS, 1996, p.220).

Milton Santos consegue expressar através do “homem lento” a força que esse sujeito tem de produzir resistência dentro de seu território de existência a partir de um lugar que lhe é próprio, de sua vivência e de uma necessidade. É preciso ampliar o olhar para dentro desse território que cada vez mais tem se destacado como potência

criativa, ainda que alguns não consigam enxergar todo potencial criativo que existe dentro das favelas, tem sido a escassez a fonte que movimento os fazedores de gambiarras. Pois esse sujeito não usufrui das técnicas, não se esconde nelas ele precisa descobrir o mundo e aprender os *macetes* do jogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos utilizar diversas palavras, mas a importância do ressignificado da palavra gambiarra é de grande importância pois ela está presente no dia a dia de cada um, não possuindo uma regra exclusiva. Além disso, nos leva a acreditar que o que hoje se fala tanto em “faça você mesmo” e nesse movimento de cultura *maker* já existe na favela há muito tempo. A falta de registros técnicos não nos impede de lembrar de toda estética que existe nas favelas.

Não apenas pelos fios dos postes ou encanamentos, mas pelo conhecimento que é passado de pai para filho, o ofício de exercer uma técnica muitas vezes sem um certificado para tal função. Cumprindo a regra de “não deixar a peteca cair” e seguir sobrevivendo e resistindo dentro desse território. No entanto, outro fator se destaca pelo fato de questionar e ressignificar a palavra gambiarra, tornando aquilo que é tido como negativo com um significado positivo, se tratando de cultura isso amplia nossa visão mediante ao que nos é imposto dentro de nossa sociedade.

A cultura presente nas favelas possui grande potencial, as ideias que surgem através de uma necessidade, muitas vezes podem se tornar algo além de um simples improviso. Deveria se potencializar o que já existe, porém não há força e visibilidade, é preciso olhar para o que surge não como uma simples gambiarra, mas como algo com potencial. O talento para o improviso se mostra nas gambiarras de água, luz e internet, além de construções ou desenvolvimento tecnológico. Com a grande proporção que tem tomado, esta cultura vem criando cada vez mais espaços de desenvolvimento de inovação, mas que ainda não se estabeleceram formalmente dentro das favelas.

Entender as regras de estar dentro de uma sociedade que não reconhece quem vive nas periferias se revela como uma tática, a própria gambiarra e as formas como são executadas muitas vezes é

preciso ceder e outras negociar. Quando você é desapropriado do seu lugar de trabalho, como o exemplo da manicure Márcia, era preciso ceder a partir daquele lugar que ela estava diante da remoção, nesse momento é preciso refletir o quanto você tem a perder ou ganhar para se manter nesse sistema.

Há uma mensagem que precisa ser passada em nossa sociedade, que expresse além de violência ou estigmas, que estimule os fazedores, os “gambiólogos” e *makers* de favela, que compartilhe o quanto o favelado pode se orgulhar de como vive e da criatividade que precisa ter para sobreviver mais um dia.

As discussões apresentadas neste trabalho serviram para exprimir pensamentos, ideias e hipóteses que considero relevantes e pertinentes sobre a forma como a favela pode produzir uma cultura local, ao se apropriar de um conceito que é tido como negativo e transformar em algo bom com outra conotação. Para além de uma conclusão, procuro desvendar alguns processos de identificação social e cultural da favela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Livia. *O Jeitinho Brasileiro: a arte de ser mais igual que os outros*. Rio de Janeiro: Campus, 1982.

BATISTA, Vera Malaguti. O Alemão é muito mais complexo. In: Vera Malaguti Batista (Org.). *Paz Armada*. 1ed. Rio de Janeiro: Revan, 2012.

BOUFLEUR, Rodrigo. *A questão da gambiarra: Formas Alternativas de Desenvolver Artefatos e sua relação com o Design*, 2006. Dissertação. Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

CERQUEIRA, M. B. *Pobres, resistência e criação: personagens no encontro da arte com a vida*. São Paulo: Cortez, 2010.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.

COUTO, Patrícia; RODRIGUES, Rute. *A Gramática da Moradia no Complexo do Alemão: História, Documentos e Narrativas*. Ipea, 2015.

FACINA, Adriana. Consumo Favela. In: DANTAS, Aline; MELLO, Marisa S.; PASSOS, Pâmella. (Org.). *Política cultural com as periferias: práticas e indagações de uma problemática contemporânea*. 1ªed. Rio de Janeiro: IFRJ, 2013, v., p. 21-43.

FACINA, Adriana. Sobreviver e sonhar: reflexões sobre cultura e “pacificação” no Complexo do Alemão. In: PEDRINHA, R. D.; FERNANDES, M. A. (Orgs.). *Escritos transdisciplinares de criminologia, direito e processo penal: homenagem aos mestres Vera Malaguti e Nilo Batista*. Rio de Janeiro: Revan, pp. 39-48, 2014.

FACINA, Adriana. Vamos desenrolar: reflexões a partir de um projeto de extensão universitária no Complexo do Alemão. In: RODRIGUES, Rute Imanishi (org.). *Vida Social e política nas favelas: pesquisas de campo no Complexo do Alemão*. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

FAUSTINI, Marcus Vinícius. *Guia afetivo da periferia / Vinícius Faustini*.- Rio de Janeiro : Aeroplano, 2009.il.-(Tramas urbanas ; 11).

GOUVEA, Maria Cristina Soares. A criança de Favela em seu mundo de Cultura. *Cad. Pesq.* N.86, ago. 1993.

KASPER, C. P. *Habitar a rua*. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.

MARTIN- BARBERO, Jesus. *Dos meios às Mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVEIRA, Fábio. Design & Educação: novas abordagens. p. 116-131. In: MEGIDO, Victor Falasca (Org.). *A Revolução do Design: conexões para o século XXI*. São Paulo: Editora Gente, 2016.

TELLES, Vera S. Jogos de poder nas dobras do legal e do ilegal: anotações de um percurso de pesquisa, In: AZAIS, Christian; KESSLER, Gabriel; TELLES, Vera (org.). *Ilegalismos, cidade e política*. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2012, p. 27-56. 99

TELLES, Vera S. & Hirata, Daniel. "Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito". *Revista de Estudos Avançados da USP*, v. 21, n. 61, p. 171-191, São Paulo, set./dez. 2007.

TOMMASI, Lívia de. *Cultura e juventude/ Lívia de Tommasi* - Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2017.